

Itamar e os juros

6 Com Brasil
07 MAR 1993

CORREIO BRAZILIENSE

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

Todos os mineiros, mesmo os que não privam da intimidade do presidente da República, como é o nosso caso, somos instados a analisar a personalidade de Itamar Franco, que a muitos parece intempestiva e contraditória, além de imprevisível. O ingresso de Luíza Erundina, do PT, a defenestração de Paulo Haddad e sua substituição por Eliseu Resende, um conservador, são lances que desconcertam os analistas e a opinião pública em geral. E com razão.

Itamar Franco, como todos os políticos, tem seus erros e acertos. Analisar por esse lado é fazer um inventário que não levaria a nada. O mais importante é tentar compreender algumas de suas atitudes no Governo, que indicam certas aspirações e pretensões que ainda não ficaram bem claras para milhões de brasileiros.

A parte o fato de ser um homem íntegro sob todos os aspectos, e de profundas convicções democráticas, largamente comprovadas em seus mandatos de prefeito e de senador, o Presidente é um governante dominado hoje por duas verdadeiras obsessões permanentes. A primeira é a ansiedade, o desejo de ver resultados rápidos e concretos, a impaciência com planos e projetos que só dariam resultados no ano 2000. Daí a sua aflição de ver a inflação baixar em 90 dias, compromisso que qualquer economista na chefia do Ministério da Fazenda hesitaria em assumir, como não quis fazer Paulo Haddad.

A outra obsessão é a inflação, assunto do qual se ocupou por muitas vezes no Senado, por conhecer bem o efeito corrosivo do processo inflacionário sobre os salários dos trabalhadores e o déficit público, com seu cortejo de misérias sociais, como a especulação, a fome, o tormento da vida cotidiana das famílias pobres e de classe média.

A novidade, neste momento, é que Itamar sentou-se numa cadeira onde, pela primeira vez, goza de dois poderes dos quais antes não dispunha: a capacidade de pedir e receber informações variadas; e o poder de assinar medidas, inclusive nomeações e demissões de ministros, que, no seu entender, podem ajudar a chegar mais depressa ao seu objetivo final — baixar a inflação e dar ao povo uma vida estável e um País em desenvolvimento.

Ao desfrutar da regalia de pedir e receber informações variadas, de onde quiser que sejam buscadas, o Presidente passou a enxergar a inflação com olhos mais abertos do que no seu tempo de senador. Foi quando leu um estudo em que os juros altos aparecem como o grande vilão inflacionário, responsáveis por 60 por cento da própria taxa. A partir desse momento, Itamar Franco passou a ver as altas taxas de juros bancários como um inimigo a ser derrotado. Daí a sua impaciência com Haddad, que acabou por se tornar ex-ministro da Fazenda.

Talvez falte ao Presidente, que não é carismático, o poder de comunicar ao povo, em rede de televisão, qual é a sua verdadeira luta e quais são os seus verdadeiros opositores, econômicos. Se o Presidente tem os juros altos como seu inimigo número um, conforme comentários autorizados de quem o conhece melhor do que este repórter, então falta uma palavra clara ao povo que apenas assiste, de longe, à ascensão e queda de ministros sem entender nada das verdadeiras razões que estão por trás desse carrossel.

Quanto às críticas de políticos e de partidos, Itamar Franco, com 16 anos de Senado, tem muito pouco que se preocupar com elas, até porque, segundo pessoa de sua intimidade, considera-as perfeitamente normais num regime democrático.